



O tempo perdido para um dia ser livre: percepções antropológicas em reportagem sobre a rotina nos presídios¹

Ivna Nilton GIRÃO²

Geisa MATTOS³

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

RESUMO

A reportagem *Contagem Regressiva* (publicada em novembro de 2007) faz uma investigação sobre o “o tempo da punição” em um presídio de Fortaleza (CE). A reportagem é parte de uma edição temática da revista A Ponte, do Curso de Jornalismo da Unifor, sobre o tempo. A reportagem tem foco na percepção do tempo para os presos do Instituto Penal Olavo Oliveira I, em Fortaleza. A partir de depoimentos dos detentos são expostas realidades, anseios, queixas e, principalmente, concepções do tempo que eles têm que cumprir. A reportagem traz também um panorama do sistema carcerário, com denúncias de personagens que vivem este dia-a-dia. A narrativa é literária, utilizando-se da abordagem antropológica e do reconhecimento da subjetividade na construção do texto jornalístico.

PALAVRAS-CHAVE: tempo; punição; presídio; jornalismo; antropologia.

¹ Trabalho submetido ao X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste

² Autora e aluna líder da reportagem *Contagem Regressiva*, estudante do 6º semestre de jornalismo da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Bolsista de iniciação científica do CNPq com pesquisa Humor e comunicação. Estudante de História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Militante do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST-CE), integrante do setor de comunicação. E-mail: ivnanilton@gmail.com

³ Professora orientadora. Formada em Comunicação Social pela UFC, com Mestrado e Doutorado em Sociologia pela mesma universidade. E-mail: geisamattos@bol.com.br.

1. INTRODUÇÃO

A reportagem, produzida por duas alunas do curso de jornalismo da UNIFOR, Ivna Girão e Niara Rocha, na disciplina *Princípios e Técnicas de jornalismo impresso II*, é resultado de reflexão e debate de toda a turma sobre a temática “tempo”. Esta edição da revista significou um esforço em trazer, para a prática jornalística estudantil, uma sensibilização para questões pertinentes à pesquisa antropológica e sociológica. A reportagem *Contagem Regressiva* se centra nos personagens entrevistados e na vivência *in loco* da equipe no Instituto Penal Professor Olavo Oliveira I (IPPOO), onde as alunas conheceram a geografia do IPPOO e entraram em contato com temáticas dos direitos humanos nos presídios.

Constituída como pauta investigativa a partir de reflexão ampliada sobre como os presos, em seus espaços identitários, sentem o passar do tempo, das horas, dias, meses e anos, a reportagem se propõe a escutar, dar voz, aos detentos e suas realidades.

Uma indagação nos levavam a outras: o que medem os relógios? O que é o tempo? È o simples passar de horas, de minutos? E nos presídios, espaços de grandes vazios, como o tempo passa lá? Como se sente o tempo? Há noção, por parte dos detentos, do passar dos meses e anos? O que são marcos temporais para eles: é noite o dia?

O tempo pode ser conceituado de vários modos. Ele é visto, sobretudo a partir de Galileu e Newton como um dado objetivo da natureza. Com suporte da filosofia, por volta do século XVIII, surge uma outra percepção do tempo que o trata como mais um aspecto da razão humana. Kant percebe o tempo, desse modo, como uma síntese da experiência humana. Com avanços da física e da precisão técnica, ocorre a construção do tempo como “objetivo” em função de sua medição, o tempo passa a ser tido como medida.

Perceber o tempo é inato ao homem. No livro *Sobre o Tempo* (1998), Norbert Elias afirma que é necessário considerar uma dimensão fundamental para percepção do tempo: a dimensão humana, social. Elias revela que há inúmeras maneiras de se perceber o tempo de acordo com a sociabilidade e integração temporal.

Uma questão permanece: o que medem os relógios na contemporaneidade? Uma expressão popular reforça o que temos a dizer: “tempo é ouro”. O tempo é agora medido por horas produtivas de trabalho, é o tempo útil da semana de trabalho, é o horário comercial. Com avanços da industrialização e sociedade industrial, os homens começaram a utilizar-se de mecanismos cada vez mais preciosos para regular, por exemplo, a duração das atividades nas fábricas, dos intervalos de descanso, do lazer, por exemplo. Somos como escravos do tempo, estamos submissos à ditadura do relógio que nos indica que o tempo tornou-se uma síntese simbólica de civilização.

Para a produção da reportagem *Contagem regressiva*, embasamo-nos dessa percepção do tempo como subjetivo e também dependente de uma certa sociabilidade, de uma vivência cultural. E nos presídios, como o tempo é vivido? Se nas ruas das grandes cidades o tempo é solto, é rápido, é o tempo da modernidade, acelerado, no presídio, o tempo é outro, é o do vazio, o da demora, do tédio e solidão.

O tempo não é sentido igualmente por todos, na cadeia ele demora a passar. Segundo relatos de detentos entrevistados, há uma fase inicial de adaptação que, para eles, é a que demora mais a passar. Depois disso, há a acomodação em que parece que o preso se acostuma, entende a realidade e cria espaços simbólicos com o “tempo da prisão”. A terceira etapa é a pior, segundo eles. No final do processo, há muita ansiedade em que esse “tempo da cadeia” acabe logo, o tempo volta a ser muito lento. Depois vem a ânsia de viver. A ânsia da liberdade.

Em pesquisa com ex-detentos sobre o tempo, José Pacheco Pereira elabora:

“Assim, de acordo um ex-recluso, no período inicial, de adaptação à prisão, de assimilação da cultura penitenciária e de internalização dos tempos institucionais, o tempo custa muito a passar [“Você não imagina como é acordar a noite inteira, olhar para o relógio e ver que só passou uma hora, às vezes meia... uma pessoa pode enlouquecer à espera do dia seguinte. É um tempo muito lento... muito lento. E custoso, obviamente.” (Ex-recluso)]. Na fase que se segue, pontifica o sentimento do tempo parado e inerte, onde os rituais quotidianos são incorporados e os dias passam sem se dar conta. Na última etapa, regressa o tempo que custa muito a passar, devido à enorme ansiedade provocada pela proximidade da libertação.

Ademais, esta percepção do tempo não é universal e muitos reclusos, apresentam diferentes maneiras de experienciar a passagem do tempo. As tempografias da experiência de reclusão são, por conseguinte, muito

heterogêneas. Assim questiono-me porque tentar dar uma noção de imobilidade lá dentro. Porque não dar uma noção menos linear da evolução da percepção do tempo lá dentro, com as suas flutuações, mutações, hesitações, etc...? Fica a sugestão” (PEREIRA, José Pacheco. A prisão e a percepção da passagem do tempo. 2003)

Há uma grande necessidade de se construir uma nova aprendizagem cultural sobre o tempo. Na prisão, há outras e novas lógicas do tempo que resultam de um longo processo de aprendizagem individual. “A aprendizagem é individual, pois mesmo a criança, para que possa desempenhar seu papel de adulto, desenvolve um sistema de auto-disciplina conforme essa instituição social que é o tempo: nas sociedades industrializadas o tempo exerce de fora para dentro, sob a forma de relógios, calendários e outras tabelas de horários, uma coerção que suscita o desenvolvimento da autodisciplina no indivíduo. “A transformação da coerção exercida de fora para dentro pela instituição social do tempo num sistema de autodisciplina que abarque toda a existência do indivíduo ilustra, explicitamente, a maneira como o processo civilizador contribui para formar os habitus sociais que são parte integrante de qualquer estrutura da personalidade”, (Norbert Elias, Sobre o tempo, 1998).

2. OBJETIVO

A reportagem *Contagem Regressiva* surge de um processo de construção que se aproxima da investigação antropológica, de valorização do sujeito como fonte principal de observação. Queríamos escutar os presos e, a partir de suas percepções e sensibilidades, avançar na apuração e no processo de produção da matéria.

Com foco nos personagens entrevistados, o produto tem o objetivo de revelar, através dos próprios detentos, como é o tempo para eles, esse tempo da prisão. Para além da percepção do tempo para os detentos, queríamos trazer para o texto a rotina, os hábitos, as lógicas de ocupação do tempo. No começo da apuração nós, da equipe, nos perguntávamos muito: como eles passam o dia? Consultam relógios? Calendários? Têm noções de que dia da semana é, sábado ou terça? O que é o tempo para quem tem os dias quase todos iguais?

Era quase impossível entrar no presídio com o olhar atento e crítico da apuração e da atenção jornalística sem atentarmos para um ponto: iríamos encontrar muitas

violações de direitos lá dentro, e a? Nós prontificamos também a fazer denúncias, a falar também de temas como o da superlotação, do descaso, da ausência de políticas públicas e da violência. Esses pontos entram na reportagem como desabafo dos detentos que esboçam indignação pela ausência de políticas públicas de trabalho e ocupação do tempo. Para eles, trabalhar é o que dignifica o homem, eles querem trabalho e ocupação e o Estado, responsável por garantias de direitos e não só por punição, tem que garantir isso.

O principal objetivo da reportagem *Contagem regressiva* é apresentar um novo olhar sobre o tempo hiper-moderno. Contrastando com lógicas produtivistas do capitalismo que diz que tempo é dinheiro, no presídio, o tempo é o do vazio. Colocar os detentos para falar, democratizar a comunicação, é refletir sobre o que os presos representam para a sociedade: são um vazio, são quase como um nada. As novas lógicas de tempo representam bem isso: a punição vem pela negação do tempo dos iguais, da comunidade. Presos, os detentos são condenados a não viver o mesmo tempo da sociedade, dos que aqui fora estão. A maior punição deles é estar deslocado, não fazer parte. “Os presidiários são, para a sociedade, como o lixo saindo da frente das portas, sumindo das vistas, ninguém lembra mais deles.” (GIRÃO e ROCHA, reportagem *Contagem regressiva*, Revista A Ponte, nº 8, 2007).

3. JUSTIFICATIVA

Assim como a noção de liberdade, o tempo é difícil de ser explicado, se torna real apenas quando é vivido, pois sabemos que ele existe quando sentimos seu passar. Como dizia Santo Agostinho em suas *Confissões*: “Quando ninguém me pergunta, eu sei, quando se trata de explicá-lo, já não sei mais. Minha alma queima, queima em saber o que é o tempo. Tempo é algo que não se pode ver, tocar, ouvir, saborear, nem respirar. Uma ‘hora’ é algo invisível”.

A percepção do tempo é influenciada pelo meio em que se encontra o indivíduo. O tempo das cadeias, dos hospícios, das escolas e igrejas é diverso. Para exemplificar tomemos como exemplo o personagem Hans Castorp, de Thomas Mann na *Montanha Mágica*. Hans Castorp, ao instalar-se após três semanas na clínica em Davoz-Platz,

toma consciência de que nessa nova vida o mesmo dia parece que se repete sempre e que, por isso, as formas do tempo se perdem. “Mas, como é sempre o mesmo dia, no fundo é pouco correto falar em ‘repetição’, seria necessário falar de identidade, de um presente imóvel, ou de eternidade”, diz o narrador. (MANN, *Montanha Mágica*, 1924)

Estamos sempre, em coletividade, a nos perguntar: "que horas são?", "que dia é hoje?". O entendimento que hoje temos do tempo é o resultado de toda uma experiência humana, de uma significação cultural. Como significar o tempo sem fazer parte do tempo dos demais? Como causa disso, o tempo, isolado, do detento é vazio, ele procura dar significado através de novas e velhas lógicas. É o caso do José Canuto Vieira, 53 anos. Seu Canuto trabalha no rancho (refeitório) e “acorda todos os dias às 5h para preparar o café-da-manhã dos funcionários que já se encontram no presídio, depois faz a merenda para os demais que só chegam às 8h, posteriormente faz o almoço, em seguida a merenda da tarde e às 16h prepara o jantar. Aderiu à rotina como lógica de ocupação e significação do tempo” (Reportagem *Contagem regressiva*, Revista A Ponte nº 8, 2007). Relataram para nós que o pior momento do dia é a hora de ir para as trancas, para as celas às 18h. É o momento em que eles se percebem como preso.

No caso do tempo para os detentos a questão é mais pertinente ainda: eles foram inseridos em uma outra lógica de tempo, o tempo da punição. No IPPOO I, nos deparamos com uma nova realidade, estávamos em um local que a pena maior é ter que ver o tempo passar sem poder vivenciá-lo plenamente, sem liberdade, sem significação coletiva e comunitária. Eles são privados de vivenciar o mesmo tempo simbólico dos demais, dos próximos que culturalmente dão sentido para o passado e para o presente. Para que ter tanto tempo se ele é tão vazio de significado? Que tempo é esse que, sem liberdade, não representa escolha e sim amarra?

Tínhamos muito que pesquisar e investigar, vários dilemas: era preciso, por estratégia de sobrevivência, criar “meios para passar e consumir esse tempo, tão cheio de espaço a ser preenchido e tão vazio de possibilidades e expectativas. A proporção do tempo parecia igual inversa a do espaço que eles tinham nas trancas” (reportagem *Contagem regressiva*, Revista A Ponte nº 8, 2007). Fomos para pesquisa de campo muito abertas para a vivência e interessadas em escutar os detentos e sermos cúmplices do que passavam, do tempo que insistia em não passar para eles e, naquele momento, para nós também, da saudade da família, da vontade de chegar logo quarta-feira (dia de

visita), da ansiedade para irem embora e, principalmente, da tristeza de não vivenciar o mesmo tempo dos afetos que estavam lá fora daqueles altos muros. Seu Vicente Berto, 61 anos, desabafa dizendo que “é ruim ver o tempo passar lá fora. Eu não posso fazer nada, só vejo o tempo passar. Tenho muitas saudades. Quando vem um aqui eu mato a saudade. Dia de quarta só entra a esposa. Ela passa o dia aqui comigo até às 4h da tarde. O dia das crianças entrarem é no segundo domingo de cada mês. Já vieram dois netos meus aqui. É tão bom quando eles vêm.” Seu Pedro César Ferreira da Rocha, 44 anos, completa, emocionado, afirma: “tenho que pensar nas lembranças boas da vida e no tempo todo que tenho lá fora. Meus cinco filhos eram de menor na época (em que foi preso). Agora já são todos de maior. Tenho dois netos que ainda não vi. Quando eu sair lá fora, vou recuperar o tempo perdido, vou brincar e levar meus netos pra passear.” (reportagem *Contagem regressiva*, Revista A Ponte nº 8, 2007).

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A reportagem *Contagem Regressiva* compôs um processo coletivo do pensar jornalístico dentro de uma edição especial da revista A Ponte. Na preparação desta edição, a pesquisa sobre o tema “tempo” foi tomada como incentivo para se buscar uma abordagem antropológica na reportagem, a fim de ampliar as possibilidades de compreensão do mundo social. Para esta reportagem, o processo foi iniciado com a investigação sobre a vivência do tempo no presídio e como ele era sentido por quem estava preso. Este foi nosso ponto de partida na pesquisa de campo.

Rodeadas de questões nos aproximamos de movimentos e grupos sociais organizados em torno dos Direitos Humanos como a Pastoral Carcerária e o Centro de Defesa da Pessoa Humana (CDPDH) em Fortaleza. Esse contato foi fundamental, pois avançamos na pesquisa e fizemos parcerias para além do produto, inclusive.

Tínhamos uma clareza: queríamos entrar no IPPOO I, queríamos a fonte primária de investigação e a realidade de estar *in loco*. A abordagem antropológica implicou no acesso aos próprios detentos a fim de escuta-los sem preconceitos, queríamos ser cúmplices. O texto da reportagem é composto pelas falas dos personagens: seu José Canuto, seu Vicente Berto, seu Pedro Ferreira e seu Cleber Damasceno. A equipe não queria se prender a um roteiro fechado para a reportagem, foram os personagens e, principalmente, suas histórias que nos guiou. Foi uma experiência de contato com uma realidade dura e cheia de violações de direitos, mas

cheia de pessoas sensíveis, humanas, repletas de saudades da família e com diversas percepções do tempo.

Na Pastoral Carcerária e no CDPDH encontramos pessoas que muito nos ajudaram. O Professor e teórico do direito, militante Giovane Tavares foi uma fonte importante, pois se prontificou para auxiliar a nossa entrada no IPPOO e nos trouxe reflexões de debate importante sobre a questão do tempo e da punição.

Juntamente com a ajuda da Pastoral Carcerária e após muita superação de processos burocráticos, conseguimos entrar no IPPOO. Entretanto, entrar nem foi o mais difícil, ter acesso aos detentos para conversar era o nosso próximo obstáculo. O contato com a Diretora Sandra Helena revelou como ia ser difícil tal tarefa.

“Chegamos ao IPPOO I. Avistamos o guarda que nos orientou por onde seria a entrada de acesso ao Presídio. Lá se encontravam três seguranças que já estavam avisados da nossa visita naquela manhã de quinta-feira, dia 19 de abril de 2007. De modo rigoroso, mas também cauteloso, começaram a adotar os seus procedimentos de trabalho. Revistaram nossas bolsas, indicaram que passássemos pelo detector de metais. Avisaram que os nossos celulares deveriam ficar na portaria e o que nós estávamos temendo tanto: o nosso gravador não poderia ser usado. Tentamos de todas as formas. A negativa serviu para reforçar a construção institucionalizada da invisibilidade dos internos, sem sequer direito à voz. Ficou no ar um forte receio inconfessável, por parte da direção do presídio, de que os presos podiam ‘falar demais’. A vontade de sairmos dali com algum depoimento foi maior e anotaríamos tudo à mão.” (reportagem *Contagem regressiva*, Revista A Ponte nº 8. 2007).

O contato com os detentos foi muito tranquilo. Chegamos ao IPPOO preparadas para aquilo: não olhávamos para aqueles homens com olhar punitivo, com medo ou preconceitos pelo presente/passado criminoso. Eram pessoas que tinham histórias para contar e isso nos bastava. O clima de tranquilidade e cumplicidade reinava. “Já era umas 10h. Horário de muito trabalho no rancho. A conversa acontecia, o cheiro de assado de panela invadia o ambiente. Meio sem jeito, resolvemos atrapalhar os afazeres de Seu Vicente Berto Ferreira, 61, cozinheiro do rancho. Queríamos conversar. E ele também queria, tanto que largou logo sua panela e disse para Gracinha (cozinheira) cuidar de tudo. Sua voz baixa mostrava sua timidez. Ora se constrangia, se refugiava fugindo para suas panelas, ora sentia prazer, falava da sua família. Tenho oito filhos que são todos adultos e que vem me ver. É ruim ver o tempo passar lá fora. Eu num posso fazer nada,

vejo o tempo passar e tenho muitas saudades.” (reportagem *Contagem regressiva*, 2007).

Passamos quase o dia todo no IPPOO sendo cúmplices daquela rotina e do tempo que não passado, era vazio. Após entrevista, tratamos de logo passar para o papel tudo que havíamos vivido ali. Foi tanta coisa que optamos pela produção de um texto em formato de diário, contando tudo desde a nossa chegada, hora a hora do que aconteceu lá. O tom do texto é bem subjetivo, poético e revelador da empatia que estabelecemos em nossos encontros. “Seu Vicente, meio sem jeito, pediu licença e nos ofereceu um café como agrado e despedida de um momento de cumplicidade que passamos juntos, mesmo sem nos conhecermos bem”. Tínhamos uma certeza: queríamos que, no texto, estivesse presente, em discurso direto e em primeira pessoa, a fala de cada um dos personagens. São eles que contam tudo.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A reportagem *Contagem Regressiva*, tem muitas características e peculiaridades que tornam a sua abordagem antropológica e com as marcas do jornalismo literário também. É um texto que trata sobre a questão do tempo nos presídios, como ele é sentido e vivenciado no IPPOO I. O texto é escrito de modo informal, subjetivo, com fortes marcas de oralidades, com grande presença de depoimentos dos personagens e escrita leve, fluida. Para a equipe, foi um grande desafio a construção de um texto com características literárias, pois, nos espaços formais do jornalismo, estamos, quase sempre, presos ao *lead*.

A subjetividade está presente em vários trechos, como, por exemplo, quando escrevemos, refletindo sobre a relação que estabelecemos com nossos entrevistados: “continuamos nesse clima de desabafo. Estávamos, todos nós, embuidos por um mesmo sentir. Pensar em liberdade, em reencontrar a família, mantinha aqueles homens vivos. Era o que lhes dava ânimo para suportar as dores da vida, as inúmeras horas de tédio, de culpa, de solidão, de depressão e, principalmente, de saudade”. (reportagem *Contagem regressiva*, 2007).

Com vivência em outros presídios, Giovane Tavares, advogado, traz uma percepção do tempo também no Instituto Penal Paulo Sarasate (IPPS). Nesse, a repressão é maior, assim como a violência. O advogado e militante dos direitos

humanos colabora afirmando que o detento “passa o tempo todo tentando sobreviver, pensando em formas de fugir ou de se livrar dos demais. Muitos se matam. Tentam desfrutar o mínimo: disputam seus 15 minutos de banho de sol, de descanso, de visita familiar, de encontro sexual, de lazer ...” (reportagem *Contagem regressiva*, 2007).

A reportagem resultou também em um artigo, escrito por uma das autoras, Ivna Girão, para a mesma revista. No artigo, a autora reflete sobre o modo como o tempo de punição se constrói nos presídios. O tempo é sentido com muita dor. É ruim, para eles, vê-lo passar e não ter liberdade sobre ele, é o tempo da punição. O tempo está todo tempo presente nos presídios: foram punidos com o tempo. Antes de se punir com as penas de privação de liberdade, as punições eram outras, castigos físicos e morte, por exemplo. É mesmo mais humanizado punir assim, privando liberdade e equiparando punição com tempo? “Que tempo é esse que perco para um dia ser livre?”, questiona Girão no artigo. Poucos se importam com isso, os presos, para a sociedade em geral, são invisíveis, são como lixo. Para nossa equipe, eles são cidadãos, apesar de sua condição, eles têm direito à dignidade humana.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reportagem *Contagem regressiva*, sua construção e consolidação, foi uma experiência nova e desafiadora para a equipe, pois uniu conceitos ricos para o jornalismo: pesquisa sobre o tempo nos presídios e construção da reportagem a partir de uma abordagem antropológica e de uma narrativa literária. Adentrando por outras áreas do conhecimento para além da comunicação, como a antropologia e o direito, fizemos um esforço em garantir um produto com profundidade no tratamento da questão do tempo e sua percepção no presídio.

Como varias questões e curiosidades, fomos ao IPPOO I e conhecemos uma realidade diferente e pouco conhecida para muito, a do presídio. Sair da sala de aula e adentrar na geografia presidiária foi um passo dado para uma sensibilização sobre a questão prisional, para humanização das relações. Imersas no tema até hoje, quase um ano depois do início da produção da matéria, ainda encontramos na equipe um forte interesse em continuar nesse trabalho de investigação nos presídios, de conhecer melhor a rotina, os personagens invisibilizados dessa história.

7. REFERÊNCIAS

CUNHA, M. I. **Malhas que a Reclusão Tece: Questões de Identidade numa Prisão Feminina**. Lisboa. Centros de Estudos Judiciários. 1996.

CUNHA, M. I. **Entre o Bairro e a Prisão: Tráfico e Trajectos**. Lisboa: Fim de Século.1996.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Jorge Zahar, tradução de Vera Ribeiro. 1998.

MANN, Thomas. **Montanha Mágica**. 1924

GARCIA, V. R. **Ordem cultural e ordem natural do tempo**. Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia. São Paulo. 2002.

GIRÃO, Ivna, ROCHA, Niara. **Contagem regressiva**. Reportagem jornalística. Publicada na revista A Ponte nº. 8. Maio de 2007. Fortaleza. Ceará.

MOREIRA, J. J. Semedo (1994), **Vidas Encarceradas**. Estudo Sociológico de uma Prisão Masculina, Lisboa: Centro de Estudos Judiciários. 1994.

PEREIRA, José Pacheco. **A Prisão e a Percepção da Passagem do Tempo**. Artigo publicado em junho 20. 2003.

PERRONE-MOISÉS, Cláudia. **Norbert Elias e o dilema do tempo**. USP. São Paulo.